Ano XI — Leiria, 13 de Abril de 1933 — N.º 127

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 DE MARÇO)

Os milagres da graça

Se Lourdes, a mística cidade dos Pirineus, ou, como há anos lhe chamou um grande diário da capital, «a Jerusalém do Ocidente», é, por excelência, segundo o consenso unânime dos crentes, o santuário dos prodígios de ordem física, Fátima, essa deslumbrante ante-câmara do Céu graciosamente alcandorada nas faldas da serra de Aire, é, sobretudo, e sem contestação, o santuário dos milagres de ordem moral. Alí, dentro daquele recinto santificado pela augusta presença e pelas bênçãos maternais da augusta Virgem do Rosário, todo o dia e tôda a noite, na capela do Albergue de Nossa Senhora e na igreja da Penitenciaria, milhares de pessoas purificam as suas almas na piscina probática do Santo Sacramento da Confissão, acusando e detestando as suas culpas de joelhos aos pés do sacerdote que, como juiz de misericórdia, em nome de Deus, as absolve e perdoa.

Quantas curas espirituais se teem verificado naquela estância portentosa, verdadeiras e instantâneas ressurreições morais, cujo conhecimento ficará para sempre sepultado entre as quatro táboas dum confessionário.

Se um sigilo, ainda mais rigoroso que o segrêdo mais sagrado e mais inviolável que possa haver sôbre a terra, não fechasse herméticamente os lábios dos confessores, que prodígios estupendos nos seria dado contemplar operados nas almas pela misericórdia infinita do Senhor!

Sôbre a Cova da Iria as graças celestes parecem descer com mais profusão, formando uma atmosfera intensamente sobrenatural, em que a fé se aviva e a piedade se acrisola, desabrochando em flores de tôdas as virtudes cristãs.

É quási impossível resistir ao influxo salutar dêsse ambiente saturado de eflúvios divinos em que as inteligências mais obcecadas se abrem à luz da verdade e em que os corações mais endurecidos se rendem à fôrça do amor.

Por isso, de perto e de longe, as almas inquietas, que o hábito do pecado inquinou e os espinhos do remorso torturam, vão buscar ao santuário da Lourdes portuguesa a paz e a alegria por que anseiam e a graça e a amizade de Deus, que, numa hora de desvário, haviam perdido.

Que espectáculo encantador essa transformação assombrosa que o sangue precioso do Cordeiro Imaculado Cristo Jesus realiza dum modo invisível nos corações, em virtude dos méritos infinitos da sua paixão e morte.

Únicas testemunhas dessas scenas incomparáveis, que se desenrolam contínuamente no recinto sagrado das aparições, os espíritos celestes hão-de exultar de júbilo, ao considerarem a compaixão misericordiosa e a ternura inefável do coração de Deus para com os homens.

Dezenas de sacerdotes, sentados nos bancos dos confessionários, atendem, durante horas consecutivas, as pessoas que querem reconciliar-se com Deus.

A igreja da Penitenciaria regorgita de fiéis. Junto dos confessionários, formando verdadeiros cachos humanos, apinham-se dezenas de pessoas, esperando paciente e tranqüilamente a sua vez de se confessarem. Às portas aglomera-se a multidão que, ao frio, ao sol ou à chuva, aguarda horas inteiras licença para entrar no templo.

E, depois, quando os penitentes, apagadas as suas culpas, rezam com fervor junto do altar e fazem os últimos preparativos para regressar aos seus lares distantes, é altamente consolador vêr neles a alegria da alma e a paz do coração estampadas no rosto transfigurado pela graça divina que os santificou, inundando-os de felicidade.

O fogo celeste que os abraza vai comunicar-se ao longe e ao largo, provocando às vezes maravilhosos incêndios de amor. E as almas e os corações, estimulados pela fé e pela esperança, procuram, numa ansiedade imensa, aproximar-se, cada vez mais, da Cova da Iria, para alcançarem ao menos algumas migalhas do maná espiritual que alí é distribuído gratuitamente a todos os que teem fome de verdade, de pureza e de amor.

Sursum corda! Corações para o alto!

A excelsa Raínha dos Anjos, baixando dos páramos esplendentes da glória à humildade da Cova da Iria, cobriu com o manto da sua protecção maternal Portugal e o mundo, para fazer descer do seu Coração Imaculado sôbre os filhos da sua dor, nascidos à sombra da Cruz no alto do Calvário, caudais de graça e torrentes de misericórdia...

O dia treze em Fátima

No dia treze de Março realizaram-se, como de costume, os actos religiosos prescritos pela competente autoridade eclesiástica e destinados a comemorar as aparições da Raínha do Céu aos humildes videntes de Aljustrel.

O tempo, contra a espectativa de tôda a gente, apresentou-se formoso e esplêndido, duma amenidade verdadeiramente primaveril. Não corria a mais ligeira viração que agitasse os ramos esguios dos pinheiros ou a folhagem quási microscópica das azinheiras. O firmamento, dum azul puríssimo e duma transparência admirável, sem o mais pequeno farrapo de nuvem a ensombrar-lhe a superfície, constituia um espectáculo, cuja contemplação deliciava os olhos e encantava as almas. O sol, dardejando os seus raios sôbre a Cova da Iria, enchia de luz e tonificava o ambiente do recinto bendito das aparições, dispondo os fiéis para a oração e para os outros exercícios de piedade próprios daquele dia.

Durante tôda a manhã, celebraram-se algumas dezenas de missas nos diferentes altares do Santuário.

Grupo de servitas, vicentinos, operários e outros homens que fizeram o seu retiro Espiritual na Fátima, nos dias 26, 27 e 28 de Fevereiro.

Foram em grande número os peregrinos que, depois de se terem confessado, se acercaram da mesa eucarística para receberem com o mais vivo fervor o Pão dos Anjos.

Após a recitação pública do terço do Rosário na capela comemorativa das aparições e a procissão de Nossa Senhora para o pavilhão dos doentes, foi rezada a missa do meio dia, a que ajudaram um brioso oficial do nosso exército e um distinto engenheiro.

Ao evangelho, subiu ao púlpito o rev.do dr. Galamba de Oliveira, brilhante professor do Seminário Espiscopal de Leiria, que prègou durante vinte minutos, explanando com proficiência o evangelho da missa e fazendo a propósito uma breve referência às bemaventuradas Sancha e Mafalda, ilustres e santas princezas, filhas de D. Sancho I, que foi rei de Portugal.

Em seguida à missa efectuou-se a cerimónia da bênção dos doentes, que eram pouco mais de três dezenas, e por fim a procissão do *adeus*, em que a linda imagem de Nossa Senhora de Fátima foi reconduzida para o seu altar na capela-monumento das aparições.

Padre José Vicente do Sacramento, Missionário

Faleceu um dos maiores amigos do Santuário de Nossa Senhora da Fátima o Rev. José V. do Sacramento.

Desde a primeira hora afeiçoou-se à Fátima e esperava vir passar os seus últimos dias junto do Santuário e ali exalar o último suspiro. Deus dispôs doutra forma.

Presando a vida Missionária, propagara especialmente na nossa África Oriental o culto a Nossa Senhora da Fátima. A primeira imagem que apareceu em Lourenço Marques foi a sua que venerava no seu oratório e o acompanhava por tôda a parte, nas suas viagens, como reconhecimento por tantas graças que Nossa Senhora lhe concedera e de que falava com emoção.

A linda imagem que se venera na Catedral de Lourenço Marques foi oferta sua.

Queria que Nossa Senhora da Fátima fôsse considerada como a protectora das Missões portuguesas, pedindo à Santíssima Virgem que amparasse as sociedades missionárias em preparação no nosso país.

Ideara a decoração do monumento ao S. Coração de Jesus que coroa as fontes do Santuário, com quadros alusivos às Missões presididas pela imagem de Nossa Senhora da Fátima, sob a invocação de Nossa Senhora das Missões, obra que não poude principiar.

Foi o falecido P.e Vicente quem mandou cunhar as primeiras medalhas de Nossa Senhora de Fátima depois de proceder a estudos no local.

Compôs o hino *«sôbre os ramos da azinheira»* que é cantado nas festas e peregrinações, por tôda a parte.

Em outubro passado pôs à disposição do Rev. Dr. Fischer a sua pessoa e automóvel para percorrer as partes mais importantes ligadas com a história das Aparições que em breve será publicada originàriamente em alemão.

Do «Missionário Católico» transcrevemos as seguintes palavras para serem arquivadas na *«Voz da Fátima»:*

«sO nossos leitores já sabem, pela notícia publicada à última hora no último número do «Missionário Católico», que faleceu no Estoril êste velho missionário, cujo nome se tornou tão conhecido em Portugal, e mesmo além de Portugal, pelas suas extraordinárias generosidades e benemerências, sobretudo em favor das nossas Missões e dos seus Colégios. Conquanto a sua morte não tenha sido uma inteira surpresa para aqueles que conheciam o estado melindroso da sua saúde, após o insulto apoplético que o acometera há dois meses pouco mais ou menos, não se contava ainda assim que, em tão breves dias, estaria para terminar a vida mortal do pranteado sacerdote. Quem escreve estas linhas teve a consolação de o visitar pela segunda vez, poucos dias antes do desenlace, na sua casa do Estoril; encontrou-o prostrado no leito, parcialmente tolhido e com certa dificuldade e arrasto na fala, mas perfeitamente lúcido e até mesmo com uma fagueira jovialidade de espírito, ocupado e iluminado pela devoção a Nossa Senhora de Fátima, que parecia, ao aproximar-se da morte, tomar um fogo ainda maior e mais abrasador na alma sensível do P.e Vicente. Este aspecto da sua piedade à Mãe da Fátima mereceria, de quem está mais ao corrente dos seus grandes traços e dos seus detalhes, uma página especial, que não seria com certeza das menos tocantes e de menor brilho no livro da vida que se extinguiu. E foi porventura esta devoção, esta filial ternura, que lhe mereceu da Senhora da Fátima a graça, que êle ambicionava e pedia, de morrer num Sábado, como que à sombra da sua azinheira.

Todos conhecem o rasgo intrépido que teve o Padre Vicente, quando, um dia, numa estância de águas, soube que, poucas horas depois, ia ser arrematado em hasta pública o convento Beneditino e a cêrca de Cucujães, que o tesoiro público, com aquela desenvoltura e sem-cerimónia moral que os seus homens põem tantas vezes em casos idênticos, chamara a si da mão dos seus legítimos proprietários. Então faiscou-lhe na mente a ideia de adquirir êsses bens tranqüilos para melhor instalação dos Colégios das Missões, que renasciam ao tempo, com auxílios do Estado; e preparar qualquer coisa à pressa, e partir como uma andorinha para o local das operações, bater os pretendentes até às últimas trincheiras, e finalmente ficar senhor de todo o campo, foi por assim dizer uma realização fulminante! a sua alma em triunfo pôde cantar ao céu o cântico da esperança, o hino da maior alegria! E nem todos saberão porventura da série de benemerências e de larguezas com que êle foi completando, com o andar dos tempos, o seu acto inicial de Cucujães.

Por estes motivos todos, nós sentimos dolorosamente o desaparecimento de tão insigne benfeitor; nós cumprimos, com uma espécie de magoada satisfação, o dever de prestar à sua memória a nossa singela mas bem sentida homenagem. Os sufrágios que as nossas três Casas têm feito, logo qeu chegou a cada uma delas a infausta notícia, terão sempre

piedosa continuação; e esperamos ensejo oportuno de perpetuarmos por qualquer forma condigna a gratidão dos corações.

O Padre Vicente morreu, colados os lábios ao seu crucifixo missionário dando-lhe o último beijo.

Paz à sua alma!

Cocujães, 3 de Março de 1933.

† *João Evangelista, Arcebispo Bispo de Vila Real, Superior*».

O Senhor Bispo de Leiria, que era muito reconhecido ao Rev. Missionário pelo seu interesse a favor do Santuário e pelas suas generosidades, quando soube do seu falecimento estava em exercícios espirituais com o venerando Episcopado português. Celebrou logo 3 Missas pela sua alma e recomenda-o às orações dos peregrinos no dia 13 de abril como a todos os leitores da *Voz da Fátima*.

Deus lhe dê o eterno descanso!

Fátima em Tete (Moçambique)

Do número 41 do semanário «Missão Africana» órgão da Missão de Nossa Senhora do Rosário da Beira, que vê a luz da publicidade na cidade do mesmo nome, reproduz-se a seguir uma carta de impressões enviada àquele semanário por um devoto de Nossa Senhora de Fátima àcêrca duma festa realizada em Tete:

«O Pároco desta vila e freguesia de S. Tiago Maior de Tete, Rev. Santana Sebastião da Cunha, proporcionou-nos mais uma festa de efeitos deslumbrantes inaugurando no da 12 de Maio dois novos altares laterais e uma Imagem de N.ª S.ª da Fátima que adquiriu por meio de subscrição e celebrando a respectiva festa no dia 13 do mesmo mês. Conta assim no seu activo alem de vários melhoramentos já introduzidos na Paróquia, como construção do Altar-Mor e da casa paroquial, instalação da luz eléctrica e abertura da escola paroquial, aquisição de um sino e várias imagens, paramentos e vários objectos do culto de que a Igreja carecia, mais êsses que a Paróquia e a freguesia devem aos seus esforços de missionário zeloso e infatigável.

Devido à distribuïção de 100 exemplares do jornal «Voz da Fátima» que, de há cinco anos para cá, o Rev. Pároco, cada mês, vinha fazendo na Paróquia, de tal maneira se arraigou a devoção a N.ª S.ª da Fátima que os fiéis estavam ansiosos por verem erigido um altar e nêle colocada a Excelsa Raínha para melhor tributarem a sua homenagem e agradecerem os benefícios recebidos, alguns dos quais, de curas maravilhosas, já foram publicados no referido jornal «Voz da Fátima.» E esta vontade foi-lhes feita pelo Pároco adquirindo no Porto, na casa José da Silva França, uma linda Imagem e designando desde logo a sua festa para o dia 13 de Maio, data da 1.ª aparição da Senhora na Cova de Iria.

Como preparação da festa começou a Novena no dia 4 a que assistiu muita gente. No dia 12, às 19 horas, a Igreja regorgitava de fiéis, a ponto de muita gente ter de ficar de fóra, por falta de lugar. O Rev. Hen Dich, Superior da Missão de Mwanza, deu começo à inauguração benzendo a Imagem colocada no meio do corpo da Igreja, num rico andor, decorado pelas Ex.mas Senhoras D. Alda Pontes e D. Rosa Fino e presidiu à procissão das velas, que formada em duas alas pelas crianças da escola, Senhoras e imenso povo, precedido do andor que era conduzido, à vez, pelas pessoas gradas de um e outro sexo, e da banda da música da Missão de Boroma, acompanhando o «Ave» e outros hinos cantados com todo o ardor e entusiasmo pela assistência, — percorreu todo o adro da Igreja, lindamente enfeitado de verdura e bandeirolas, iluminado a electricidade e lampeões de variegadas cores.

Uma vez dentro a procissão e colocada a Imagem no Novo Altar, ricamente ornamentado pelo Snr. António A. Pontes subiu ao púlpito o acima referido Superior da Missão de Mwanza que comemorando a gloriosa data, 13 de Maio de 1917, arrebatou o auditório à Cova da Iria, lugar escolhido pela Raínha do Céu para manifestar à Nação Portuguesa, de que é Padroeira, o seu carinho maternal, cumulando-a de imensos benefícios espirituais e temporais. Rematou o seu belo discurso exortando a assistência a afervorar cada vez mais a sua devoção para alcançar graças ainda maiores.

Terminou o acto com o hino «Ave Maris Stela», cantado a três coros, acompanhado a Harmonium, sob a direcção do Rev. Pároco da freguesia que no fim distribuiu pela assistência lindas estampas com a novena de N.ª S.ª da Fátima.

No dia seguinte, 13, começou às 9 horas a missa solene, cantada pelo mesmo Superior da Missão de Mwanza, acolitado pelos Revs. Párocos e superior da Missão de Boroma. Um grupo de cantores da Missão de Boroma cantou a missa «Tertia» acompanhada a Harmonium. Houve comunhões e Benção do SS.mo Sacramento e no fim da Missa foi distribuído um bodo aos pobres à porta da Igreja.

À tarde, às 7 horas, fêz-se com fé viva e piedade ardente a consagração da população de Tete a N.ª S.ª da Fátima, a que assistiu imenso povo.

Tete, 24 de Junho de 1932.

Um devoto de N.ª Sr.ª da Fátima».

Visconde de Montelo

No Santuário

Desde a tarde do dia 25 de Fevereiro até à madrugada do dia 1.º de Março estiveram reünidos no Santuário da Fátima em Exercícios Espirituais cêrca de 60 homens entre os quais se viam algumas figuras de alta posição que, enquanto outros dissipavam a sua vida com as loucuras do Carnaval, se acolheram debaixo do Manto misericordioso de Nossa Senhora da Fátima preparando as suas almas para gosarem maior glória no Céu depois de na terra terem servido melhor a Deus.

Bem hajam, e Deus queira que muitos lhes sigam o exemplo na gloriosa conquista da perfeição.

O culto de N. Senhora da Fátima em Macau

Com o fim de mais glorificar N. Senhora de Fátima vamos, em breves palavras, falar do seu culto em Macau, — Fátima do Extremo Oriente — desde que se estabeleceu aqui a 13 de Maio de 1929 até ao presente.

Todos nos lembramos ainda com imensa saüdade dêsse dia memorável em que o falecido Cónego Pintado, missionário zeloso, abrasado de grande amor a N. Senhora da Fátima, amante de Portugal e de tudo o que era português, aqui implantou tão simpática devoção. Só pode avaliar bem a imponência das solenidades religiosas com que a cidade de Macau iniciou o culto de Nossa Senhora da Fátima quem a elas assistiu desde os primeiros dias e nós, embora nos faltem outros dotes, tivemos a dita de ver e quási palpar com as mãos o fervor que se ateou em todos os corações dêste bom povo macaense, com o advento desta nova devoção para com N. Senhora, por isso podemos com tôda a verdade dizer o que se vem passando aqui nestes três anos decorridos.

1929. — Inaugurou-se o culto de Nossa Senhora de Fátima com um tríduo que constou de orações e prègações feita pelo Rev.do P.e António Roliz, S. J. que logo no primeiro dia benzeu uma linda estátua de N. S. da Fátima. A igreja esteve sempre cheia de fiéis. No terceiro dia Sua Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo dignou-se presidir, dando maior realce aos actos religiosos. Raiou emfim o dia 13 de Maio. De manhã houve muitas comunhões em todas as missas que se rezaram. Às 9,30 Sua Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo celebrou *solenemente de pontifical*, expondo-se no fim o Santíssimo no trôno. Acudiram muitos fiéis a fazer companhia a Jesus e desagravá-lo das muitas friezas no seu amor. De tarde, às 17 horas, *começaram as vésperas presididas pelo Snr. Bispo*. Findas elas, subiu ao púlpito o Rev. P.e António Maria Alves, S. J. que, durante uns 25 minutos teve o auditório suspenso com as suas palavras quentes de amor à Virgem Senhora da Fátima. Pediu o orador, que o dia 13 de cada mês fôsse consagrado à Virgem com culto e preces especiais nesta cidade. Findo o sermão foi dada a bênção do SS. organisando-se em seguida uma devota procissão que, saindo de S. Domingos percorreu o Largo da Sé, Largo do Senado, recolhendo de novo a S. Domingos. Nela tomaram parte todos os estabelecimentos religiosos da cidade, as confrarias, o Seminário e todo o clero. Foi levada em triunfo a linda estátua de Nossa Senhora da Fátima, pouco antes chegada de Portugal. Ia num andor primorosamente enfeitado pelas catequistas. Para Ela convergiam todos os olhares. A multidão do povo que a acompanhava era grande e o recolhimento extraordinário. Tanto na missa como nas vésperas e pocissão cantou a «Capela de Nossa Senhora da Fátima».

Assim terminaram as solenidades com que se inaugurou em Macau o culto de Nossa Senhora da Fátima, deixando em todos profunda impressão. A promessa feita de honrar a Nossa Senhora da Fátima todos os meses no dia 13 tem-se cumprido à risca, louvores a Deus. A alma de tudo isto foi o Rev Cónego Pintado, coadjuvado pelo Rev. P.e A. Roliz, S. J.

Os cultos à Senhora foram crescendo de mês para mês até Outubro, em que se festejou com grande pompa o dia 13, último das aparições de Nossa Senhora aos pastorinhos. Bem desejou o Rev. Cónego Pintado organizar nêsse dia a procissão das velas até à Penha, mas não pôde levar a efeito. Nos dias 13 de cada mês nunca faltou em S. Domingos o terço e a prática de tarde.

1930. — Nêste ano com o falecimento do Rev. P.e Pintado, tomou conta do culto de N. Senhora da Fátima o Rev. P.e António Roliz, que continuou a obra começada com não menos ardor que êle. Chegado o mês de Maio de 1930 notou-se ainda maior fervor e entusiásmo do que no ano pasado. Em vez de tríduo houve novena solene. O Rev. Promotor das festas obteve autorisação de Sua Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo para dedicar um dos altares laterais, do lado do evangelho, a N. S. da Fátima e tratou logo de o embelesar, começando a celebrar-se nêle todas as missas da novena. O altar está actualmente um primor. Colocou-se ali um retábulo de Nossa Senhora da Fátima que foi substituido mais tarde pela lindíssima estátua que agora lá se encontra. A novena começou no dia 4, constando de missa às 7.30 com cânticos apropriados. Às 5 da tarde rezava-se alternadamente com o povo o terço, depois havia prática e bênção do SS.

As comunhões de manhã foram sempre muito numerosas, como tive ocasião de ver diàriamente. Tanto de manhã como de tarde a igrêja enchia-se sempre de fiéis. A novena foi prègada por três missionários, Rev.dos P.es António Roliz, João Lucas e Luís G. de Garcia. No dia 13, dia da festa, missa da comunhão geral às 7.30, sendo muito mais numerosas as comunhões. *Às 10 houve solenissimo pontifical*, expondo-se a seguir o Santíssimo. A adoração pelo dia adiante foi muito concorrida.

Às 6, houve vésperas, sermão pelo Rev. P.e Luís Garcia, S. J. e bênção do SS., pondo-se em marcha a primeira e solenísima procisão das velas até à Penha, organisada pelo Rev.do P.e António Roliz.

Para haver boa ordem na procissão publicaram-se algumas instruções, aprovadas pelo Snr. Bispo. Nela tomaram parte, sem exagero, todos os católicos de Macau além de muito povo de fóra, de Hong-Kong, Cantão e Shanghai. Tocaram duas bandas e cantaram os seminaristas e todo o povo sem respeitos humanos. Iam todos com a sua vela acesa e com as suas insígnias de peregrinos. A estátua era levada num lindo andor aos ombros das Filhas de Nossa Senhora da Fátima. Chegados à Penha, a estátua foi colocada perto da de N. S. de Lourdes. Seguiu-se o sermão por Sua Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo, com a eloqüência que lhe é própria. Deu-se depois a bênção no interior da capela aos fiéis e fóra nas salas aos doentinhos, que terminou esta devota e imponentíssima procissão das velas, à semilhança das que se fazem em Fátima. A estátua ficou exposta à veneração dos fiéis até à meia noite. Foi sem dúvida a maior, mais concorrida, solene e devota procissão realizada em Macau desde 1904, ano do jubileu da defenição dogmática da Imaculada Conceição, como dizem todos os sobreviventes. Durante a novena e no dia da festa milhares de cordões, velas, insígnias e outros objectos de N. S. da Fátima se venderam e distribuïram em S. Domingos, tudo para aumentar o culto da Senhora, cujos devotos entre portugueses e chineses são numerosíssimos ou melhor, são todos.

Entre os chineses tem sido grande apóstolo de Nossa Senhora da Fátima o Rev. Cónego Domingos Jim. A ornamentação do altar, que esteve sempre lindo durante tôda a novena, foi executada pelas Filhas de Nossa Senhora da Fátima, incansáveis trabalhadoras e promotoras desta devoção. Antes da novena fêz-se um apêlo que foi plenamente ouvido e correspondido, pois muitas e grandes foram as esmolas dadas pelos fiéis. Pela grande concorrência à novena e festa se vê que a devoção aumentou consideràvelmente.

Continúa

O culto de Nossa Senhora da Fátima na Inglaterra

Our Lady of Fatima by F. M. de Zulueta S. J.

Mais um livrinho sôbre o culto de Nossa Senhora da Fátima publicado na Inglaterra pelo R. P.e Zulueta, da Companhia de Jesus, Manreza House, Rochampton, S. W.

Foi editado pela «Catholic Trusth Society», de Londres.

O piedoso autor descreve a origem da Fátima e depois as aparições de Nossa Senhora com os elementos colhidos nos livros que em diferentes línguas se têm publicado e principalmente na carta Pastoral do Snr. Bispo de Leiria traduzida para inglês, pelo menos, em 4 edições.

Esta e outras publicações levam aos fiéis o conhecimento das maravilhas que a Santíssima Virgem tem realizado em Portugal e as graças de que somos devedores ao Celeste patrocínio da nossa boa Mãe.

Este número foi visado pela Censura.

Consagração da diocese de Coimbra ao Sagrado Coração de Maria Santíssima.

(Continuação da Carta Pastoral de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Coimbra)

Maria é a Mãe, no seio da grande família cristã, a distribuir os bens que ganhou com o seu Filho; continúa no céu a cumprir a missão que por Deus lhe foi confiada até à consumação dos séculos.

«Assim como durante a noite a lua transmite à terra os raios que recebe do sol, assim, durante a noite desta vida, Maria, colocada entre Deus e os homens, transmite-lhes os raios da divina graça que ela recebe de Deus. Deus é o princípio da graça; Maria é o meio ou instrumento pelo qual Deus comunica aos homens a mesma graça». (1)

Desta Mediação universal de Maria Santíssima dá-nos testemunho bem claro tanto a Igreja Oriental, como a Ocidental.

Santo Efrém, diácono da igreja da Síria, chama a Maria Santíssima, como já vimos, «Mediadora de todo o mundo depois do Mediador» (2).

S. Germano, Bispo de Constantinopla, dirigindo-se à Virgem Mãe de Deus, diz: «Ninguém, ó Santíssima, consegue a salvação senão por vós. Ninguém, ó Imaculadíssima, é live dos males senão por vós. Ninguém, ó Castíssima, a quem se conceda qualquer dom senão por vós. Ninguém, ó Gloriosíssima, a quem a Misericórdia distribúa o benefício da graça senão por vós» (3).

Santo Anselmo, dirigindo-se a Maria Santíssima, diz-lhe: «Ó Medianeira nossa, recomenda-nos a vosso Filho». (4)

S. Bernardo, o grande Doutor de Claraval, dizia assim: — Considerai com que afecto de devoção quere que honremos a Virgem Maria Aquele que nela depositou a plenitude de todo o bem. Por conseguinte, tudo o que há em nós de esperança, tudo o que há de graça, tudo o que há de salvação, saibamos que dela redunda sôbre nós. Portanto do mais íntimo dos nossos corações, com todo o ardor das nossas afeições e desejos veneremos a Maria, porque tal é a vontade d'Aquele que tudo quis nos adviesse por Maria». (5)

Santo Alberto Magno chama a Maria «Medianeira da nossa reconciliação com Deus». S. Boaventura diz que «a Bem-aventurada Virgem Maria é Medianeira entre nós e Jesus Cristo, como Jesus Cristo é medianeiro entre nós e Deus seu Pai» (6). E S. Bernardino de Sena escreveu estas palavras que depois fez suas o Santo Padre Leão XIII: «Tôda a graça concedida ao mundo segue esta tríplice gradação: — de Deus a Jesus Cristo, de Jesus Cristo à Santíssima Virgem, da Santíssima Virgem aos homens: tal é a ordem maravilhosa da sua disposição» (7).

Tudo por Maria (8).

IV

Consultando a história da Igreja, vemos como os grandes actos comprovam esta doutrina. Recordemos alguns apenas (9).

Logo no princípio, depois da Ascensão do Senhor, por ordem dêste os Apóstolos reünem-se no Cenáculo, e aí, no recolhimento e na oração, durante dez dias, preparam-se para receber o Espírito Santo. E a Sagrada Escritura, sempre tão sóbria a respeito de Maria Santíssima, diz-nos expressamente que com os Apóstolos estava em oração «Maria, Mãe de Jesus» (Act. 1, 14). Maria Santíssima, no meio dos Apóstolos, orando por êles com inefáveis gemidos, obtem-lhes os dons abundantíssimos do Espírito Santo, que os confirmam na fé e lhes permitem o milagre da conversão do mundo.

Depois vemos Maria Santíssima descer às catacumbas e inspirar coragem aos seus filhos, os primeiros cristãos, e obter-lhes as fôrças para o martírio (10).

Depois, na época das heresias, é ela que vence e conserva a unidade da Igreja (11).

Depois das grandes heresias o Islamismo ataca furiosamente a cristandade, quere apoderar-se da Hungria e passar daí à Itália para destruir o Papado na sua própria séde. Então Maria Santíssima corre em socorro dos cristãos, e as hordas muçulmanas são miraculosamente vencidas pelo exército de Estevão, rei da Hungria e êste, como prova de gratidão, decretou que daí em diante o seu reino se chamaria «reino de Maria Santíssima.»

No século XIII Maria Santíssima dá o Escapulário ao Bem-aventurado Simão Stock, e o Rosário a S. Domingos de Gusmão, e o Escapulário e o Rosário são as mais belas provas da aliança de Maria com os seus filhos queridos.

Mais tarde nova irrupção muçulmana tentada na Itália para tomar Roma ao Sumo Pontífice. O Papa S. Pio V ordenou preces públicas, invocando o socorro da Santíssima Virgem. Sob a sua inspiração organizou-se a *Liga dos Príncipes Cristãos*. E pouco depois a grandíssima frota turca é submergida em Lepanto pelas poucas naus às ordens de D. João de Austria (12). Começara a batalha na tarde de sábado, 7 de outubro de 1571. S. Pio V em reconhecimento desta prodigiosa vitória de que miraculosamente teve conhecimento, foi em procissão com todo o povo romano à Basílica de Santa Maria Maior, e ordenou que à Ladaínha de Nossa Senhora se juntasse a invocação: «Auxílio dos cristãos (auxilium christianorum), orai por nós.»

Já no princípio do século XIX Napoleão, tendo-se apoderado de todos os Estados da Europa, quis também assenhorear-se de Roma. Manda um exército à Itália, e traz prisioneiro para a França o Soberano Pontífice Pio VII. Este santo velho, na sua via dolorosa, passou por Savona, e poude ir ajoelhar-se perante a imagem de Maria no célebre santuário dessa cidade. Diante dela pediu com tôda a sua alma o socorro da Mãe de Deus. E lá seguiu para o castelo de Fontainebleau, onde ficou prisioneiro.

Mas pouco depois Napoleão, vencido pelas potências aliadas, é encerrado naquele mesmo castelo. O Papa volta triunfalmente para Roma, e em reconhecimento desta tão grande graça de Maria Santíssima vai em peregrinação a Savona, e com grande solenidade êle mesmo coroou a imagem da Santíssima Virgem dêsse histórico santuário.

Em 1848 o grande Papa Pio IX viu-se obrigado a fugir de Roma, ameaçado de morte pelos revolucionários. No seu exílio em Nápoles ordenou preces públicas para obter da Santíssima Virgem o seu regresso à Cidade Eterna. Em 1850 Pio IX volta para Roma no meio das aclamações de todos os cristãos, e em 1854, na presença de 300 Bispos e de enorme multidão de fiéis, na Basílica de S. Pedro, definiu solenemente o dogma da Imaculada Conceição.

Quatro anos depois a *Imaculada Conceição* apareceu em Lourdes, e aí estabeleceu o milagre permanente.

E Portugal?

(Continua)

(1) P. Bover — *Obra cit.*, pág. 19.
(2) Of. referido, na lição 4.ª — Vid. Dict. *de Théol.* cit., pág. 2390.
(3) Of. referido, na lição 5.ª
(4) O mesmo Santo ensino que Maria é Mãe de todos os que creem em Deus e que sem ela *nihil pietatis est nihilque benitatis.*
(5) Quia sic est voluntas ejus qui totum nos habere voluit per Mariam. Haec, inquam, voluntas ejus, sed pro nobis. (Of. ref., na lição 6).
(6) Diz ainda que Maria é chamada *porta do céu* quia nullus potest jam coelum intrare nisi per Mariam transeat tanquam per portam.
(7) Leão XIII — Enc. *Jucunda semper*, de 8 de setembro de 1894.
(8) Esta mediação universal de Maria, esta doutrina de que todas as graças sobrenaturais nos são obtidas pela intercessão de Maria Santíssima, não encontrou mais oposição notável depois da defesa de Santo Afonso de Ligório *(Les Gloires de Marie)*; e com Leão XIII, Pio X e Bento XV obteve a aprovação da Igreja.
Tal mediação não torna inútil nem suprime a mediação dos outros Santos. Os Santos depõem as suas petições nas mãos de Maria para que ela as apresente a Jesus. Sempre que se ora aos outros Santos, ou mesmo diretamente a Deus, esta oração é acompanhada das orações de Maria Vid. *Dict. de Théol.* cit., pág. 2404 e P. Bover — *ob. cit.*, pág. 54.
(9) *Primeiro Congresso Mariano* cit., pág. 46 e seg.
(10) P.e S. Aurasches — *Flores de Maio* — Porto, 1916, pág. 283.
(11) ...*cunctas haereses sola interemisti in universo mundo* (Of. B. Marie Virg., 3.ª Noct.).
(12) Eram 300 os navios turcos e 209 os comandados pelo filho de Carlos V. Os turcos perderam 275 navios e 30.000 homens; os nossos apenas 15 galeras e 8.000 homens, e libertaram 15.000 cristãos cativos (L. Marion — *Hist. de l'Egl.* — Paris 1913, t. 3.º pág. 189 e 190).

«Bote von Fátima»

As pessoas que conhecendo o alemão ou outras que desejem assinar o Mensageiro da Fátima (Bote von Fátima) podem dirigir-se à Administração da «Voz da Fátima», em Leiria.

A assinatura anual custa 10 escudos, incluindo o correio.

As direcções devem vir muito claras para não haver enganos.

Lembra-se aos devotos de Nossa Senhora que o jornalzinho publicado em alemão, na Suíssa, além da propaganda, pode ser um meio de chamar para Deus almas transviadas da verdadeira fé.

Dádiva generosa

Para a Missão de Nossa Senhora da Fátima na Zululândia, chegou a esta Redação a quantia de 500$00 que um caridoso anónimo houve por bem enviar.

O seu nome será conhecido dos homens apenas no dia das grandes recompensas.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Paralisia

A minha irmã, Ana da Silva, adoeceu gravemente no mês de Outubro a ponto de não poder mover os membros do lado esquerdo. Chegou a achar-se tão mal que à meia noite lhe foram administrados os Sacramentos da Comunhão e Extrema-Unção.

Passados alguns dias, quando ainda estava de cama, foi-lhe dada alguma água de Nossa Senhora da Fátima, que tiveram a bondade de me dar, continuando a tomar algumas gotas durante alguns dias.

Graças a Nossa Senhora da Fátima, a minha irmã melhorou consideràvelmente podendo já caminhar sem dificuldade, favor que quero agradecer a Nossa Senhora da Fátima.

Cochim — 1932.

M. da Silva

Tifo

O Sr. Agostinho Fernandes veio chamar-me para tratar da cura de seu filho José. O pobre jovem estava sofrendo duma febre tifoide com tão graves complicações que senti faltar-me a coragem para tomar a responsabilidade da sua cura, e sugeri que seria melhor chamarem algum outro médico. Como porém êles quizessem que eu e não outro tratasse do caso, resolvi aceitar pondo a minha confiança em Cristo Jesus e na Virgem Maria, Saúde dos enfermos.

Comecei a tratá-lo com todo o cuidado prescrevendo ora um ora outro remédio conforme os sintomas.

Com admiração minha, o jovem começou a melhorar com uma rapidez fora do comum porque os sintomas eram dos piores. Eu mesmo disse aos pais do doente que considerava esta cura como um caso extraordinário. Julgo-me, porém, hoje justificado em pensar assim, porque um pouco mais tarde a mãe disse-me ter administrado ao filho água de Nossa Senhora da Fátima a quem estava fazendo uma novena para que os meus medicamentos fôssem eficazes.

Estou convencido que houve aqui uma intervenção especial de Nossa Senhora da Fátima sem a qual, estou plenamente convencido, o meu trabalho teria sido completamente inútil. Agora sinto-me feliz por poder apregoar, como médico, a todos os meus amigos a valiosa protecção da Mãe de Jesus. Sempre, mas agora duma maneira especial, os meus ardentes votos são que a devoção a Nossa Senhora da Fátima se difunda largamente, assim em Cochim bem como por todo o mundo para bem das nossas almas e até mesmo dos nossos corpos.

Cochim — 1932

Dr. P. George

Mão deslocada

Alegro-me por poder informar a V.ª Rev.cia que a minha filhinha Celina está muito melhor desde que começou a usar a água de Nossa Senhora da Fátima. Agora já pode conservar as coisas na mão que já pode elevar um pouco o que até aqui não podia fazer.

Não aplico nenhum outro remédio senão a água da Fátima em fricções, o que tem dado resultados maravilhosos. Agradeço a Nossa Senhora tão grande Misericórdia para com a minha filha que tanto sofreu.

Cochim — 1932

Agnal Gomes

Pneumonia

De uma carta escrita ao Snr. P.e Martins, de Cochim, foi enviado à Redacção da *Voz da Fátima* o seguinte excerpto:

«A Dr.ª M. de Sousa adoecera com uma pneumonia a que se seguiram outras complicações. Para aumentar ainda o mal, os médicos, incluindo o Médico oficial Maior do Estado de Cochim e o nosso Médico-Cirurgião declararam unanimemente que a doente sofria também do coração, tendo por conseguinte poucas esperanças de a salvar. A minha filha e uma cunhada da doente foram visitá-la no último domingo levando consigo água de Nossa Senhora da Fátima. Depois de lhe darem a beber a água que levavam e de lhe entregarem uma estampa e uma medalha de Nossa Senhora da Fátima, a doente começou a melhorar tão sensivelmente que, com admiração dos médicos assistentes, hoje considera-se radicalmente curada».

— Noutra carta ao mesmo Sacerdote diz-se o seguinte:

«A minha nóra, M. da Cruz, diz ter sido ela mesma quem deu a água da Fátima duas vezes à Médica Dr.ª M. de Sousa, quando estava sem sentidos, e que foi nessa mesma tarde que começou aquela maravilhosa mudança para melhor no estado da doente».

Rotura de veias

A minha esposa sofria ùltimamente duma rotura nas veias da perna esquerda pelo que sangrava abundantemente.

Tinha consigo um pouco de água da Fátima que pessoa amiga lhe mandára por favor. Com essa água lavou por algumas vezes a ferida e dentro de alguns minutos o sangue estancou para sempre!

Tanto eu como a minha esposa acreditamos que a cura se deve sòmente à aplicação da água da Fátima e por isso aqui agradecemos a Nossa Senhora a sua maravilhosa proteção.

Pode V. Rev.cia dar a esta carta tôda a publicidade que entender, tudo para maior glória de Nossa Senhora da Fátima.

Cochim — 1932

J. A. Gomes

Apendice e tumor nos intestinos

Há quatro anos deu-me uma forte cólica cuja causa desconhecia. Por indicação do meu médico Dr. Alberto Cruz fui ao Pôrto consultar o especialista Dr. Alberto Ribeiro.

Fui por êste aconselhada a internar-me no Hospital do Carmo onde, com brevidade, devia ser operada da apendicite. Assim o fiz embora com muito custo.

Se até aqui muito tinha pedido a Nossa Senhora, agora mais do que nunca recorri e confiei na sua protecção, e estou certa que não deixei de ser atendida, pois que, apezar da operação ter sido feita não só à apendicite mas também a um tumor nos intestinos com que os médicos não contavam, de tudo sarei como uma brevidade que surpreendeu os próprios médicos que me disseram não contar já comigo.

Em tudo isto, vejo a mão bendita de Maria Santíssima Minha boa Mãe, e portanto quero proclamar aqui no seu jornalzinho as suas misericórdias para com todos os que sofrem.

Freamunde

Aurora Taipa Coelho de Brito

Ataques

Um filho meu, hoje com sete anos, sofria desde criança de ataques nervosos que o atormentavam muito, e por sua vez faziam sofrer os outros com um sem número de impaciências. Esta doença torturava-me, não tanto por ter de sofrer os desarranjos do meu filho, como porque já se ia julgando que êle seria real e habitualmente doido.

O ano passado resolvi levá-lo a banhos do mar que o serenaram um pouco, mas não por muito tempo, pois em Março dêste ano, apoz a vinda do pai que regressou do Brasil, senti-o mais agitado tornando-se quási insuportável. Esgotados todos os remédios, comecei no fim de Maio, a Nossa Senhora da Fátima, uma novena que terminou já em Junho. Finda esta, o pequeno sentiu melhoras totais não conservando hoje absolutamente nada do que antes o atormentava.

E como esta graça para mim tão surpreendente continúa a dar-me a certeza da cura de meu filho, apresso-me a enviar o meu agradecimento que muito desejo ver publicado no jornalzinho *A Voz da Fátima*.

Freamunde.

Maria da Conceição Costa

Agradecimento

Estando eu ausente em França, recebi da minha aldeia natal um telegrama em que me era comunicado que minha querida mãe se encontrava prestes a morrer.

Desolado com a notícia, lembrei-me de recorrer a Nossa Senhora da Fátima a quem fiz algumas promessas.

Parti imediatamente para Portugal pedindo sempre a Nossa Senhora que ao menos me deixasse encontrar ainda a minha Mãe viva.

Nossa Senhora da Fátima alcançou-me não só o que eu lhe pedi mas mais ainda, e foi que quando cheguei a doente encontrava-se já um pouco melhor. Hoje, graças a Nossa Senhora, ainda vive e goza perfeita saúde, favor que devo e quero agradecer a Nossa Senhora aqui publicamente depois de ter já cumprido as minhas outras promessas.

Aldeia de S. António.

Joaquim Tavares da Fonseca

Graça espiritual

Fazia o meu noviciado em terras estranjeiras. Aproximava-se já o dia em que regularmente devia emitir os meus primeiros votos, mas eu sofria imensamente, porque os escrúpulos se haviam apoderado de mim. O meu sofrimento aumentava ao lembrar-me que, certamente, com tal doença não seria admitido à profissão. Como recebia o jornal da Fátima, a minha confiança em Nossa Senhora aumentava cada vez mais dando-me isto alguma consolação no meio da aridez dos escrúpulos.

Depois de tomar conselho, resolvi fazer a Nossa Senhora da Fátima o voto seguinte: *«prometo publicar esta graça no seu jornal, se Nossa Senhora da Fátima me curar e eu puder ser admitido no dia determinado a fazer a profissão religiosa».*

Nada mais foi necessário para que Nossa Senhora me concedesse esta graça tão insigne, graça que muito desejava ver publicada na *Voz da Fátima* o mais brevemente possível.

Viana do Castelo

João Miguel de Barros

Queimadura

Estando sósinha sentada no lar aleitando uma criancinha de 7 dias, caí sem sentidos no lume e ficando com o peito e as mãos horrorosamente queimadas. A criancinha nada sofreu, felizmente.

Os vizinhos algum tempo depois me acudiram. Julgavam ser impossível que eu escapasse depois de tão cruel queimadura.

Quando recuperei os sentidos, com as lágrimas nos olhos e com a maior devoção ção possível, pedi a Nossa Senhora da Fátima que me curasse para eu poder acabar de criar os meus pobres filhinhos.

Prometi a Jesus Sacramentado ir comungar com o meu marido e com a minha filha mais velha, na primeira sexta feira do 1.º mês em que eu pudesse ir à Igreja, e continuariamos todos os meses fazendo as nove primeiras sextas-feiras.

Prometi também ir à Cova da Iria agradecer a Nossa Senhora a minha cura se ela me fôsse concedida, desejando também que ela fôsse publicada na *Voz da Fátima*.

Depois de algum tempo de sofrimentos bem cruéis cicatrizaram por completo as feridas, de maneira que já posso cuidar da administração interna da minha casa, do meu marido e dos meus filhos. Com a publicação desta graça ficam cumpridas tôdas as minhas promessas.

Honra, glória, louvores e graças sejam sempre dadas a Jesus Sacramentado e a N.ª Senhora Maria Santíssima Mãe de Deus e Nossa Mãe!...

Rexaldia

Maria Cabeleira Lopes

Tifo, enterite, bronquite, etc.

Peço para agradecer a Nossa Senhora da Fátima, no seu jornalzinho que tanto estimo, a graça extraordinária de me ter curado de várias doenças graves.

Estando simultâneamente atacada de febre tifóide, enterite, bronquite e uma pneumonia, e tendo sido pelos médicos declarado incurável, a minha boa espôsa recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo a minha cura e foi imediatamente atendida pela Mãe do Céu.

Dois anos mais tarde, atacado de uma tuberculose óssea, os médicos imposeram-me repouso absoluto. Cumpri por muito tempo a prescrição médica mas sem resultados sensíveis absolutamente alguns. Recorremos depois a Nossa Senhora da Fátima e mais uma vez obtive de sua poderosa e bemfazeja mão a graça tão grande de me ver livre daquela tão grave doença que, sem uma raspagem dos ossos, quási se pode chamar incurável.

Tavarede

Manuel de Jesus Rodrigues

Quisto

Na minha terra — Pôrto de Mós, tive há tempos um *quisto*, cujo tratamento confiei ao Sr. Dr. Roque, médico nesta Vila. Julgava-me perfeitamente curado, e por isso e porque necessitava de angariar mais alguns meios com que me sustentar e à minha família — mulher e quatro filhos, o mais velho dos quais tinha apenas sete anos, resolvi ir ao estranjeiro. A 23 de junho estava em Montevideu, no Uruguay, e a 7 de julho do mesmo ano estava já empregado.

Trabalhava havia apenas 3 dias quando o quisto, que eu julgava havia desaparecido por completo, começou de novo a crescer.

Numa terra estranjeira, sem família, sem dinheiro e sem poder trabalhar, vendo-me assim doente, resolvi confiar-me a Nossa Senhora da Fátima pois só Ela me poderia ali valer. Rezei-lhe muito e fiz algumas promessas, mas não perdi o tempo, porque apesar da minha indignidade, a Mãe do Céu atendeu-me. Uma ocasião em que eu, lastimando a minha sorte, mostrava o quisto que tinha na clavícula a um meu companheiro e amigo, com surpresa e alegria para mim o *quisto começou* a purgar com excessiva abundância. Desapareceu desde então sem nunca mais me incomodar, podendo agora sem dificuldade trabalhar para meu govêrno e de minha família que deixei em Portugal.

Montevideu

Manuel Augusto Vieira

Graças diversas

— Rosa da Silva Santos, de Matozinhos, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de sua Mãe para quem os recursos da medicina foram absolutamente ineficazes durante muito tempo.

— Maria do Rosário dos Santos, de Bruscos, pede para que na *Voz da Fátima* seja agradecida publicamente uma graça temporal que de Nossa Senhora da Fátima alcançou para uma sua irmã que se encontrava perigosamente doente.

— Tendo implorado a intercessão de Nossa Senhora da Fátima para as melhoras do meu marido que se encontrava gravemente enfermo, venho agora manifestar a minha grande satisfação e profundo reconhecimento pela graça recebida.— *Helena Viana de Meira* — Coimbra.

— *Cândida de Sousa Nogueira Azevedo*, — Souto-Leiria, teve uma congestão pulmonar em Dezembro de 1929. Recorreu a N.ª Senhora da Fátima e tendo melhorado, vem agradecer.

— *Maria do Rosário de Oliveira Lavrador*, de Beja, agradece a N.ª Senhora uma graça particular.

— *Madalena dos Santos*, de Lisboa, agradece a Nossa Senhora duas graças temporais concedidas uma a sua filha Maria Felicia e outra a seu marido João dos Santos.

— *Amélia Soares*, da Nazaré e moradora em Peniche, vem agradecer a cura de seu filho Júlio. Sofria há muito duma fraqueza tal que era tido como tuberculoso. Aos 12 anos depois de inutilmente ter tomado diversos medicamentos, bebeu da água do Santuário depois de ter abandonado a medicina, e pouco depois começou a sentir-se melhor. Hoje encontra-se perfeitamente bem.

— *Emília Guedes de Oliveira*—Olival, Gaia, agradece a Nossa Senhora da Fátima as melhoras que alcançou para seu marido até então doente.

— *Regina Rosa Borges*, da freguesia da Ajuda—Lisboa, cheia de alegria vem publicar e agradecer a Nossa Senhora da Fátima o ter levado o seu marido a autorizar a celebração do seu casamento religioso.

Por muitos anos, diz, viveram ilegitimamente. Agora, por graça especial de Nossa Senhora, legitimamente unidos desde o dia da primeira Comunhão de sua filha mais velha, sentem mais felicidade do que nunca até então haviam sentido.

Falecimnto de um devoto de N.ª S.ª da Fátima

Em Augsburg faleceu a 19 de fevereiro passado o Rev. Joseph Rösch, vítima da tuberculose e por quem várias vezes se orou nas peregrinações, sendo sua Família bemfeitora do Santuário.

Da carta em que a sua desolada Mãe participava o triste acontecimento ao Rev. Dr. Fischer, muito amigo daquela família, boa e piedosa, recortamos o seguinte trecho:

«O nosso bom filho tinha uma grande confiança em Nossa Senhora e faleceu com os olhos fixos na imagem de Nossa Senhora da Fátima que veio de Leiria.

Está agora com o Divino Salvador que recebeu, uma hora antes da morte, no seu coração puro. Pedimos as vossas orações sacerdotais para que a Santíssima Virgem nos dê conformidade nesta grande dôr».

Aos nossos leitores rogamos se lembrem dêste devoto de Nossa Senhora nas suas orações.

Justo castigo da justiça de Deus

O facto é autêntico.

Em 1926, quando era intensíssima a perseguição movida pelo Czar Negro Cales contra os católicos do México, alguns oficiais federais iam de viagem no rápido do México.

Era alta noite, e o espresso corria, atravessando a imensa planície, precedido da luz despedida pelo farol da locomotiva. A alturas tantas, um dos militares que trazia os galões de capitão, depois de fitar demoradamente um dos passageiros que lhe chamara a atenção, exclamou, dirigindo-se aos companheiros de viagem:

—Vocês vêem aquêle sujeito sentado ali ao fundo do carro? Aposto que é um Padre.

— Ora essa! você está com a mania de ver Padres em tôda a parte.

— Creio que não me engano: é um sacerdote disfarçado à paisana que procura evadir-se.

— Isso diz você, mas como o prova?

— Vou já prová-lo e ainda havemos de dar boas gargalhadas à custa do homenzinho.

Picados pela curiosidade e desejosos de passar alguns momentos divertidos, os oficiais foram-se aproximando do passageiro suspeito.

Houve uns sussuros... A ver como acaba a comédia.

O jovem capitão cai em contorções, tomado de tremores convulsivos. Geme, os companheiros procuram valer-lhe, quando o infeliz entre espasmos murmura:

— «Vou morrer... estou a morrer... depressa... um padre! quero confessar-me».

— Que mudança repentina, mas tardia!

Em redor dêle, os viajantes confusos acodem pressurosos a ver o desenlace do caso, outros sobem aos assentos do carro para verem melhor o que se passa. Um dos oficiais dirige-se então aos passageiros, preguntando se porventura não haveria entre êles algum sacerdote, que podesse atender o doente e dar-lhe a absolvição.

Muitos olhos se volvem instintivamente para o misterioso viajante que está a um canto do carro.

Será talvez um Padre?... E se o fôr realmente que partido tomará nestas circunstâncias críticas?

Era efectivamente um sacerdote, que acabava de escapar de uma província onde a perseguição era particularmente atroz, e onde se havia dado ordem expressa de fuzilar todos os eclesiásticos. Teria a coragem de se dar a conhecer e de arriscar a liberdade e a própria vida em favor daquele perseguidor?

O perseguido hesita um instante apenas.

Poderia êle, sacerdote, deixar morrer um homem, que está em pecado e em iminente perigo de se condenar ao inferno por tôda a eternidade?... Poderia preferir a própria vida à salvação eterna daquela própria alma?...

Recomenda-se a Deus, levanta-se resolutamente e exclama sem temor: «Senhores, eu sou um sacerdote. Façam o obséquio de se afastar, para que possa ouvir a confissão dêste militar».

Enquanto os presentes se iam afastando respeitosamente, os oficiais trocavam sinais entre si...

O capitão está estendido no chão, como se um espasmo supremo lhe tivesse distendido os musculos. O sacerdote ajoelha-se ao seu lado e diz-lhe ao ouvido:

— *«Meu filho, arrependa-se dos seus pecados e reze o acto de contrição: Meu Jesus, Misericórdia!»*

Silêncio de morte!

«Vamos, meu filho, tenha confiança na infinita misericórdia de Deus e confesse os seus pecados».

Sempre o mesmo silêncio, nenhuma sílaba, nem um sinal sequer de vida.

Em momento de tanta aflição, o sacerdote passa a mão pela fronte do capitão. Está gelada!... o rosto lívido... nem o mais leve movimento!...

Não há lugar para dúvidas: o Padre está ajoelhado ao lado de um cadaver! A farça sacrílega e de mau gôsto terminou em tragédia. Deus acudiu imediatamente em defêsa do seu ministro e fulminou o militar mistificador com um castigo tremendo para si e exemplar para os outros.

O rápido continuava na sua corrida vertiginosa por entre as trevas da noite. E que noite tão trágica!... O oficial que havia interpelado os passageiros e pedido um sacerdote para assistir ao capitão, estupefacto com a cêna inesperada, cai de joelhos e confessa-se sinceramente àquele mesmo sacerdote, cuja perda planeara. Mais tarde valeu ao Ministro de Deus e facilitou-lhe a fuga.

Sempre é verdade que Deus vela carinhosamente pelos seus filhos e Ministros, e sabe transtornar os planos satânicos dos seus perseguidores.

(De «O nosso Seminário»)

VOZ DA FÁTIMA

DESPEZA

Transporte	378.588$37
Papel, comp. e imp. do n.º 126 (53.500) ex.)...	2.996$20
Franquias, embalagem, transporte, etc.	1.308$00
Na administração — Leiria	249$50
Total	383.142$07

Donativos desde 15$00

P.e Martinho da Rocha — T. Novas, 20$00; Cristiana da Silva — Cascais, 20$00; Clotide de Almeida—Gaia, 30$00; Maria Sampaio — Lordelo, 70$00; Rosa de Oliveira Miranda — Lisboa, 20$00; José António Antão — S. Pedro, 40$00; Deolinda Pinto — Avintes, 20$00; Manuel P. Moreira — Avintes, 15$00; Manuel Vieira — Avintes, 30$00; Francisca Marques — Benavente, 20$00; Mariano Lopes — Matozinhos, 30$00; José Gonçalves — Póvoa do Varzim, 20$00; Felizbela Henriques — Nelas, 20$00; Maria Albertina — Murtoza, 15$00; Distribuïção em Lousã, 50$00; Ana dos Santos — Lousã, 25$00; Júlia de Carvalho — Caldas da Raínha, 25$00; António Marques — Varzielas, 42$10; Maria Rego — Rio de Janeiro, 25$00; Conceição Baptista — Brasil, 25$00; Olimpia Teixeira — Ipanema, 20$00; P.e José Augusto Ferreira — S. Pedro da Alva, 35$00; Isabel Viera — Assenta, 35$00; Luciano José Cutileiro — Lavre, 120$00; Júlia Marques — Ermezinde, 20$00; Maria Constantina —Ponta Delgada, 50$00;

Maria do Carmo — Ponta Delgada 15$00; José F. Evaristo — Ovar, 30$00; Amélia Guiot — Elvas, 20$00; Distribuïção em Vila F. de Xira, 70$00; Maria José — Vila Franca de Xira, 30$00; Matilde Noronha — Madeira, 30$00; Mariana Guilherme — Nova Gôa, 40$00; Maria Pegado — Nova Gôa, 20$00; José Lagôa — Brasil, 30$00; António Antunes — Brasil, 15$00; António M. dos Santos — Recarei, 32$50; Emília Rosa Sá — Vila do Conde, 25$00; Adelaide Bernardo — Proença-a-Nova, 20$00; Maria Eugénia — Turcifal, 20$00; Esmola do Turcifal, 50$00; P.e Joaquim Manso — Lisboa, 20$00; José das Neves — Brasil, 30$00; Elisa do Resgate — Belas, 15$00; Dr. António Manuel Pereira — Lisboa, 70$00; Júlio Manuel Pereira — Lisboa, 70$00; Maria do Carmo Pires — Pôrto, 28$20; Distribuïção em Orvalho, 25$00; P.e Tomás de Aquino — Orvalho, 20$00; Angelina de Abranches — Bélgica, 20$00; Helena Tavares — Setúbal, 20$00; Capitolina Novais — Pôrto, 20$00; José J. Nunes — Beira, 15$00; Joaquina Novais — Moreira do Rei, 25$00; Aurora do Carmo—Braga, 15$00; Apostolado da Oração — Vila Viçosa, 100$00; Emília de Camões — P. de Ferreira, 20$00; Helena Lobo — Lisboa, 30$00; Lucinda de Jesus—Lisboa, 20$00; Francisco Brandão — Pôrto, 20$00; P.e Lourenço F. da Silva — Pôrto, 50$00; Feliciana Hall — Penalva, 20$00; Abade de Esmoriz, 86$60; Luísa Soares — Chaves, 30$00; Filomena Leoni — Belas, 20$00; Eduarda Marcarenhas — C. do Sol, 20$00; Prior do Beato — Lisboa, 70$00; António Farinha — Sertã, 50$00; Visconde de Landal — Vila Nova de Ourém, 20$00; Augusta Alvares — Lisboa, 20$00; António da Costa — Pôrto, 20$00; Malaquias da Silva — Brazil, 15$00; José M. Dias — Brasil, 15$00; Maria Vigária — Brasil, 15$00; Amélia Ribeiro — Brasil, 15$00; José dos Reis — Brasil, 15$00; P.e José Castanheira — Brasil, 15$00; António Pinto—Brasil, 15$00; Joaquim Moreira — Brasil, 15$00; Manuel Abreu — Brasil, 15$00; Júlio Marques—Brasil, 15$00; Manuel Calças—Brasil, 15$00; Maria Clementina Abreu—Lisboa, 15$00; Glória Cruz — Zafra, 50$00; Dr. Alfredo Saraiva — Amaral, 15$00; Ana de S. Menezes — Açores, 20$00; Elias Machado — Guimarães, 50$00; Joana Lobato — Évora, 20$00; Amélia Lourenço — Açores, 15$00; Amélia Belindrinha—Agueda, 50$00; P.e Martinho Forner—Brasil, 29$60; N.o 7616—Moura, 50$00; Maria da C. Forjaz — Açores, 15$00; Francisca Delfina—Açores, 20$00; Inês Alma — Açores, 45$00; Maria J. Miranda — Açores, 20$00; Maria Isabel Russo — Castelo de Vide, 25$00; P.e Evaristo Gouveia — Açores, 90$00; P.e António Baptista — Alcains, 15$00; Isabel Farinha — Redondo, 20$00; Maria S. Romba — Mértola, 20$00; Saturnina Barriga — Figueira da Foz, 20$00; Felicidade de Jesus — Lagos, 20$00; Bela Pulido — Barrancos, 20$00; Maria Blanco Fialho — Barrancos, 20$00; Maria dos Remédios Peres — Barrancos, 20$00; Maria Peres, Barrancos, 20$00; D. Cacilda Vasconcelos—Tete, 100$00; D. Alda Pontes—Tete, 50$00; António Joaquim Fernandes — Tete, 50$00; Olencio Teles — Tete, 50$00; D. Arlete Nunes — Tete, 40$00; Mário Colimão — Tete, 40$00; D. Eugénia Rebelo Cardoso — Tete, 35$00; Anónimo — Tete, 30$00; D. Maria Virginia Schwalbach — Tete, 30$00; D. Lucinda Monteiro — Tete, 30$00; D. Maria Martins — Tete, 30$00; Arnaldo Ribeiro — Tete, 30$00; D. Maria do Carmo Almeida Raposo — Tete, 25$00; D. Alice Beirão — Tete, 25$00; Anónimo — Tete, 25$00; Lucena Coutinho — Tete, 20$00; Joaquim Luís Carrasco — Tete, 20$00; Agapito Fernandes — Tete, 20$00; Frederico I. Ribeiro — Tete, 20$00; A. Fonseca Serra — Tete, 20$00; D. A. Carvalho — Tete, 20$00; J. N. — Tete, 20$00; J. Alberto Rodrigues — Tete, 20$00; Mário Pancas — Tete, 20$00; Ilidio da Silva—Tete, 20$00; José da Rocha — Tete, 20$00; Luís dos Santos — Tete, 20$00; Albano Augusto — Tete, 20$00; Augusto B. Rodrigues — Tete, 20$00; José Marques — Tete, 20$00; Manuel S. Dias — Tete, 20$00; De 6 subscritores — Tete, 60$00; Lucinda Guerra — Açoreira, 20$00; Filomena Fernandes — Açoreira, 15$00; Teresa Abreu — Açoreira, 15$00; Carolina Mariz — Montenegro, 25$00; Dr. Roberto Monteiro — Madeira, 20$00; Isabel Gonçalves — Guarda, 15$00; Joaquim Moreira — Gaia, 15$00; Natalia Canêdo — Vouzela, 20$00; Guilherme Pacheco—Vila Flor, 20$00; P.e Alípio de Almeida — Cerdeira, 20$00; D. Carolina Lopes Quintas Lourenço Marques, 50$00.

PORQUE TE VEJO TÃO TRISTE?

1.º — é porque soube que na terra de... recebem-se 100 jornais que não só não são pagos mas nem sequer são lidos. A pessoa para quem êles vão utilisa-os só para embrulhos.

2.º — é porque alguns Senhores assinantes estão contìnuamente a mudar a direcção do seu jornal, às vezes sòmente porque vão passar um mês a outra terra. Não seria possível uma pessoa de família receber e entregar-lhe o jornal sem ser necessário mudar-se aqui a direcção?

3.º — é porque por mais que se peça que mandem o número quando necessitarem de qualquer mudança nos seus endereços, são muitíssimo poucos os que o mandam e por isso às vezes torna-se impossível atender os seus pedidos.

4.º — é porque às vezes os relatórios das graças recebidas vêm duma maneira tal que custa a perceber o que querem dizer aqueles que as receberam.

Uma primeira Comunhão no alto-mar

Narrativa de um Sacerdote

«Há doze anos o navio mercante Saint Colombant, vindo da Oceânia, e dirigindo-se ao Havre nagegava no mar Indio.

Manhã serena. O barco brincava, altivo, com as ondas. Os passageiros — dois só — espaireciam na ponte.

Um era o P. Joseph, missionário marista, já gasto de trabalhos na evangelização dos selvagens.

Regressava agora, para descanço, à França.

O outro, era um orfãozinho que êsse padre tomara à sua conta, por o vêr só no mundo.

Criança encantadora!

Só sonhava na sua primeira comunhão.

Essa era a sua aspiração suprema. Falava dela com tanta graça e doçura que a todos os que o ouviam, comovia.

O bom padre sorria com as doces e inocentes expansões dêste menino, um dia, talvez, missionário, como êle, nas terras onde passara o melhor da sua vida.

* * *

Entre os marinheiros, notava-se o bretão Zvou Le Braz, velho lobo de mar, bom e valente cristão.

As suas delícias eram o menino de bordo. Muitas vezes, nas horas de ócio, o acariciava com estas palavras: «Sabes, meu pequenote? Parece-me que estás fadado para seres um famoso marinheiro do Senhor e navegares, velas despregadas, para o Paraízo.

Como já disse: manhã serena; mas ao meio da tarde céu nublado. Não tardou horrível tempestade.

Ouviu-se um ranger sinistro. O navio fucinhou nos escolhos e começa a tomar grande soma de água pelo bordo.

O mar, todo com serras, já sobe às nuvens, já desce aos abismos. O capitão, a grandes brados, chama pelos mareantes. Todos fóra de si, sem juízo, sem advertência, e sem tino, porque sua arte e ciência náutica se tinha perdido.

Não tardou em os escaleres de bordo serem assaltados.

Segundos depois, no alto da ponte, só alguns marinheiros, o missionário, e o orfãozinho.

— «Capitão», exclama o P.e Joseph, apertando contra o peito o Relicário que trazia consigo, «quanto tempo teremos ainda de vida»?

«Dentro de vinte minutos o Saint Colombant ficará submergido, a não se dar um milagre por Deus! Absolva-nos».

«— Um momento» e dirigindo-se ao menino assim lhe fala:

«— Meu filho, vamos morrer. Queres receber Jesus Sacramentado, fazer tua primeira comunhão?

«— Oh! sim, padre. Que felicidade a minha!»

E cai de joelhos, transfigurado.

A morte não o assusta.

«— Reza, meu filho, reza ao Pai do Céu e a Nossa Senhora. O momento de receberes pela primeira vez seu Divino Filho Sacramentado, chegou; e vós, meus irmãos, meus amigos, aponta, voltando-se para os marinheiros, rezai por êle; rezai por vós; pensai em Deus!»

Todos em voz alta:

«— Padre, absolva-nos».

O perdão desceu sôbre aquelas frontes inclinadas.

As ondas crescem mais e mais O mar todo em serras levantado... O P.e Joseph, absorto em muda acção de graças por Jesus ir entrar no coração angélico do seu protegido

«— Padre, observou por último o capitão, não há que esperar, vamos já ser devorados pelas ondas.

O bom Missionário vendo o navio quási submerso, tira do seio o sagrado Relicário, onde reservára uma particula consagrada, destinada ao menino. Êste, nos braços de Ivou, ao vê-la, exulta pela sua tão grande felicidade.

* * *

No meio do Oceano que ruge, ouvia-se então uma voz grave. Era o P.e Joseph a dizer:

«Corpus Domini nostri Jesus Christi custodiat animam tuam in vitam aeternam.»

«Amen!» — respondeu o velho almirante, a chorar.

Realizou-se o dôce mistério... celebrou-se a tão desejada primeira comunhão, cuja acção de graças se fêz no céu.

* * *

Chegou o último instante...

Os marinheiros fazem o sinal da Cruz. O Padre levanta a mão para os abençoar. E o Saint Colombant desaparece no meio das ondas embravecidas.

De todos os actores dêste drama, ajuntou o da narrativa, só o capitão sobreviveu, salvo num couraçado inglês.

Fêz-se padre e êsse padre, meus amigos, sou eu».

«Lampe du Sanctuaire.»

Versão de

MONS. B.

AVISO

As subscrições para empresas e obras exteriores ao Santuário na Fátima têm-se multiplicado extraordinàriamente no país nos últimos tempos.

Umas de caracter piedoso outras de carácter turístico.

O Senhor Bispo de Leiria e todas as pessoas que, sob sua direcção, trabalham desinteressadamente na Obra do Santuário da Fátima, desejam que aos peregrinos seja dado toda a assistência espiritual e mesmo o confôrto compatível com a aridez do local e com o carácter de penitência que a Santíssima Virgem recomendou, mas não se responsabilisam por nenhuma dessas subscrições nem pela sua aplicação, a que são completamente estranhos.

«Ordinário... Marche...»

«Estavamos nos fins do mês de Maria do ano de 1925...

A minha Igreja paroquial estava repleta de fiéis e eu preparado na sacristia para seguir para o altar, quando uma senhora vestida de luto, com os olhos cheios de lágrimas se aproximou de mim, pedindo que naquele dia rezasse uma Avé-Maria pela conversão de seu marido, um grande pecador.

— Onde mora? — perguntei eu.

— Aqui perto da igreja: uma úlcera no estômago fá-lo sofrer horrìvelmente e de seus lábios só saem blasfémias. Quanto sofro, Sr. Padre!... Em breve êsse desgraçado comparecerá diante de Deus sem arrependimento, e que será da sua alma?!...

— Mas, minha senhora, porque não me comunicou há mais tempo o estado de seu marido; tê-lo-ia visitado, e quem sabe o que faria a graça de Deus?...

— Não ponha lá os pés, Sr. Padre! Êle já me disse que se lá aparecia algum padre, lhe atiraria à cabeça com uma bota, porque o não podia correr a ponta-pés...

— Credo, minha senhora, que homem tão mau; mas descanse que êle não me fará galo nenhum na cabeça com a bota. São horas de ir para o altar, vou pedir uma Avé-Maria pela sua conversão e amanhã sempre o vou ver.

— Por amor de Deus, não vá! Olhe que êle já me disse: — «Mulher, quando me levantar da cama, vou comprar dois cartuchos de dinamite e vai igreja, padres, sinos... e tudo pelos ares... É um desgraçado; nem os sinos quere ouvir...

— É a doença, minha senhora, que o faz dizer isso, mas verá como êle não me trata mal. Hoje oremos por êle e amanhã veremos o que Deus faz com a sua graça.

Segui para o altar, rezou-se a Avé-Maria pelo pecador dinamitista, resolvendo eu, custasse o qeu custasse, aproximar-me no dia seguinte do grande impenitente.

No dia seguinte, de manhã, não me esqueci no Santo Sacrifício de pedir a Jesus a conversão do desgraçado, e pedi ao mesmo tempo luzes para levar ao fim a minha emprêsa. Comecei a arquitectar planos, procurando pessoas piedosas para investigar da vida do pobre doente e das suas condições sociais.

Vim a saber que era Major reformado do exército, que estivera em África e que entrara em várias campanhas.

Fiquei radiante. Óptimo! — dizia com os meus botões.

Falo-lhe de África, de pretos, de caçadas, de guerras; êle, como africanista não resiste.

Se me receber ao princípio de má catadura logo mudará, ao recordar-lhe as suas façanhas de África.

Não obstante todos me aconselharem que deixasse preparar o caminho, pois a minha ida tão repentina podia deitar tudo a perder, mas eu, temendo que a morte viesse mais depressa do que esperavam os médicos, dirigi-me à casa do doente, encomendando o negócio a Nossa Senhora e às Almas do Purgatório.

Bati e apareceu a Senhora da véspera, que ficou como aterrada ao ver-me tão depressa à porta da sua casa.

— Padre, por amor de Deus, vá-se embora... Êle hoje ainda está pior; foi buscar a pistola e diz que se as dôres aumentarem dá um tiro na cabêça, para tudo acabar duma vez... Meu Deus, que desgraçada eu sou!... Não é possível arrependimento para aquela alma! Vá-se embora antes que êle adivinhe a sua vinda!...

— Tenha paciência, minha senhora; mas, já que vim, hei-de vê-lo e não se importe com o que suceder.

— Êle vai tratá-lo mal; vá-se embora que eu depois o chamarei.

Falávamos baixo, mas o quarto do doente era perto, e êle lá conheceu que alguém estava à porta, porque gritou com voz sonora, como se comandasse um esquadrão de cavalaria:

— Mulher, que diabo de barulho é êsse? Quem está aí?

A mulher do major empalideceu, e eu respondi cheio de coragem:

—É um amigo, major, que o deseja ver. Dá licença?...

— Entre com seiscentos..., e vamos lá a conhecer êsse amigo...

A mulher escapulira-se para a rua, aterrorizada; e eu entrei, ensaiando um sorriso agradável embora o caso me parecesse um pouco complicado.

O doente recebeu-me de má cara. Cofiando umas grandes suiças já pigarças, atirou-me esta à queima-roupa:

— Sim senhor, um padre que se atreve a entrar aqui, a dizer-se amigo!... Sim senhor, e se eu lhe dissesse já: Padre, meia volta... ordinário... Marche... que é o que fazia?

— Que fazia, meu major?

Como tenente miliciano, obedecia, marcava passo por aí fora; um dois... um, dois...

O major deu uma gargalhada e mandou-me sentar.

— Sente-se, Padre, que Você não é como os outros padres... Esta maldita úlcera do estômago dá cabo de mim, e já há muito tempo que não me lembro de rir. O reverendo fez-me rir a valer com essa história de oficial miliciano, inventada...

— Perdão, major, não é inventada, mas real; porém enganei-me ainda não passo de alferes.

— Mau, mau, reverendo! daqui a pouco chega a furriel...

Rimo-nos ambos a valer e continuei:

— Já lhe conto, major, a minha carreira militar e como cheguei a alferes sem marcar passo e sem andar com a mochila às costas. Foi muito simples; na grande guerra fizeram-me ir de novo à inspecção e fui logo apurado para enfermeiro. Depois, passado pouco tempo, recebo do quartel general de Lourenço Marques comunicação de que pertencia ao quadro dos oficiais, ficando desde logo considerado oficial miliciano, com a patente de alferes.

— Então, também andou por essas terras malditas de África?

— Dezasseis anos, meu major, e passei-as boas, por lá.

— Como eu, Padre; não tenho tantos anos de África, mas vim de lá com o estômago arruinado; cheguei a êste estado em que estou, e agora é marchar para o outro mundo. Os médicos andam-me enganar, mas eu bem sinto a morte aproximar-se e o remédio é marchar...

— Mas o Major, que já viu a morte diante dos olhos nas campanhas de África, deve encará-la com serenidade, sem temor.

— Isso é bom de dizer, reverendo, mas o pior é êsse mistério, existente para além da sepultura.

— Nada mais fácil; o meu amigo põe-se de bem com Deus...

— Pois aí é que está a dificuldade...

O major calou-se, fechou os olhos, vendo-se claramente que uma luta singular se lhe travou dentro da alma. O rosto cobriu-se de uma profunda nuvem de tristeza, as rugas apareciam e desapareciam na testa, indicando a tempestade que surgia no interior de seu coração, a respiração era funda, angustiosa. Eu encomendava a sua conversão a Deus, quando reparo que sôbre uma mesa estava uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

— Temos homem, disse para o meu íntimo. O revoltado da dinamite e da bota desaparecia, para só aparecer um pobre doente torturado por atrozes sofrimentos, que no auge da dôr dizia palavras incoerentes como um desabafo nervoso, mas nunca como um ultrage blasfemo. Quebrei o silêncio e preguntei ao major onde tinha adquirido uma imagem tão linda.

— É herança da minha mãe, respondeu comovido, tem-me acompanhado por tôda a parte.

Lá em África, em pleno sertão, nas horas tristes da vida, quantas vezes não lhe rezei a Avé-Maria ensinada pela minha mãe, quantas vezes não beijei os seus pés, pedindo alívio para as minhas dôres.

— E Nossa Senhora ouviu-o sempre, meu major?

— Sempre, sempre... E quantos milagres ela não me fêz, não obstante ser um desgraçado selvagem que desde a minha primeira comunhão só me tenho contentado em rezar de longe em longe uma Avé-Maria.

Um chôro convulso se apoderou do doente procurando eu com palavras consoladoras socegá-lo; fui orientando a entrevista para o ponto principal onde queria chegar:

— Meu major, socegue: pense bem na sua vida e querendo, hoje mesmo me tem às ordens para o ouvir de confissão.

— Sim, eu quero confessar-me; mas há tanto tempo que deixei êsse dever?!...

— Não se perturbe, eu o ajudarei e verá como é fácil fazer uma confissão depois duma longa vida de pecador.

— Obrigado reverendo; vou pensar e logo o mandarei chamar. Isto não vai longe; portanto será hoje mesmo de tarde. Agora não me abandone.

— Esteja socegado; mande-me chamar quando quizer.

Cheio de alegria, despedi-me do pobre doente, e quando cheguei à rua, já havia um grupo de mulheres à volta da senhora do major, comentando naturalmente a minha demora com o pecador impenitente.

Ficaram espantadas, quando eu disse, sorrindo :

— Minha senhora, até logo.

— Até logo, Sr. Padre?... Então volta cá?

— Volto, minha Senhora. Repare bem, que não apanhei com nenhuma bota nem fui atingido por nenhum tiro!...

Quando o major mandar, cá estarei para o confessar. Podendo, evite visitas que o possam perturbar no exame que vai fazer da sua consciência.

Foi como se rebentasse uma bomba, no meio daquele conciliábulo feminino. Afastei-me ràpidamente para fugir a preguntas indiscretas, e fui direito à igreja paroquial, agradecer a Maria Santíssima mais êsse milagre do seu amor aos pecadores.

A confissão foi dolorosa e cheia de lágrimas. A comunhão, a segunda comunhão de sua vida, encantou todos os assistentes, pela sua fé e amor... Era o regresso do pródigo a seu Pai, depois, duma longa ausência.

Às nove da noite dêsse dia, pediu a imagem de Nossa Senhora, que beijou ternamente, apertando-a a seguir contra o coração. Abriu os olhos, que tinha cerrados, e perguntou-me com voz segura:

— Estou pronto, reverendo... Tudo em ordem!?...

— Tudo em ordem, meu major, nada falta...

— Obrigado, respondeu e que Deus se compadeça da minha alma.

— Deus é cheio de misericórdia, confie nêle.

— Tenho muita confiança nêle, porque é Pai, e na minha Mãe do Céu!...

Então tudo pronto?...

— Sim, meu major.

— Avante pois... ordinário, marche... para a Eternidade.

Foram as suas últimas palavras.

A fronte tem os vislumbres da angustia agónica, e, sem mais dôres, entregara a alma a Deus...

P.e A. Teixeira de Carvalho.»

(Do Boletim Mensal da Ordem 3.a franciscana).

... E VEREIS!

Para crer é preciso querer, disse Lacordaire. Já se viu alguém que negasse a existência de Deus antes de haver desejado que Êle não existisse?

E quem negasse a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo antes de haver desejado que a moral evangélica não fôsse divina? — Não!

Chateaubriand arrancou esta confissão insuspeitíssima a vários amigos livres pensadores em ocasião bem solene, em uma assembleia.

Mas podem-se dar ordens à inteligência? Mais do que se pensa.

Era por isso que S. Filipe Nery, aos que o procuravam para que os esclarecesse, dizendo que tinham dúvidas sôbre a religião, exigia antes de tudo que se confessassem. Depois, êles próprios se admiravam de se desvaneceram a tais dúvidas como por encanto.

Humilhai-vos, confessai-vos, fugi do pecado, «praticai o bem, e evitai o mal» e... vereis!

Tudo o que se faça pela imprensa católica consideramo-lo feito à Nossa própria Pessoa. (Papa Pio XI.)